

## A indústria da tradução

Patrícia Maria dos Santos Santana (Doutoranda, UFRJ)

**Resumo:** A indústria da tradução tornou-se essencial em nossa sociedade. No começo do século vinte, as primeiras traduções eram feitas em Portugal. Depois de algum tempo, tradutores no Brasil também iniciaram essa nova atividade profissional. Devido ao momento de globalização no qual vivemos, o ato de traduzir textos de uma língua para outra é útil e importante porque uma tradução feita pode salvar tempo para aqueles que não são proficientes em uma determinada língua. Assim, a tradução torna a comunicação mais rápida. Porém, os tradutores não são livres para fazerem o que quer que pretendam porque eles precisam seguir as regras e as ideias propostas pelos iniciadores por trás das editoras. Em outras palavras, os iniciadores pagam e, portanto, mandam. Após a leitura do texto original, o tradutor irá reescrever na língua alvo a informação obtida, mas sempre respeitando o roteiro tradutório dado pelo iniciador. A necessidade de se mostrar os problemas encontrados durante o processo de tradução é o objetivo maior desse trabalho.

**Palavras-chave:** Tradução, Tradutor, Iniciador, Editora.

**Abstract:** The translation industry became essential in our society. In the beginning of the twentieth, the first translations were made in Portugal. After sometime, translators in Brazil also started this new activity. Due to the globalization moment in which we live in, the act of translating texts from one language into another is useful and important because a translation can save time for those who are not proficient in a specific language. Therefore, translation turns communication fast. However, the translators are not free to do whatever they want to because they must follow the rules and the ideas proposed by the commissioners behind the publishing houses. In other words, as the commissioners pay, the commissioners order. After reading the original text, the translator will rewrite in the target language the information from the original text, but respecting the translation brief given by the commissioner. The necessity of showing the problems found during the translation process is the main purpose of this paper.

**Key words:** Translation, Translator, Commissioner, Publishing-House.

*Há dias em que cada coisa que vejo me parece carregada de significados: mensagens que seriam difíceis de transmitir aos outros, definir, traduzir em palavras (...)*

Ítalo Calvino

### Introdução

Desde que o homem começou a viver em sociedade, a comunicação se tornou um fator essencial. A história da humanidade está relacionada a um esforço permanente na comunicação porque somente através dela é que se pode trocar ideias e experiências. O nível de progresso nas sociedades pode estar relacionado à capacidade de comunicação dos povos e a própria concepção de nação está intimamente relacionada à variedade e à riqueza da comunicação humana. Não há nenhum país nesse mundo que

tenha lendas, histórias ou tradições que não precisem ser transmitidas de geração a geração. Cada povo no mundo tem sua própria importância representativa em aspectos culturais e devido à era da globalização, muitas partes do planeta estão conectadas através da Internet, fazendo a comunicação entre diferentes culturas crescer e se tornar uma grande tendência neste milênio. Além do mais, tornou-se essencial traduzir textos dos mais variados assuntos e gêneros vindos de variadas línguas. A grande necessidade de se traduzir tudo tornou a indústria da tradução uma área bem explorada nesse momento pós-moderno. Ultimamente, essa indústria vem se tornando extremamente importante como uma área de estudo que considera pensamentos reflexivos sobre linguagem e cultura no Brasil. Aqui, o processo tradutório e sua indústria tornaram-se relevantes depois da Segunda Guerra Mundial, ganhando importância após a eleição de Juscelino Kubitschek devido ao investimento multinacional que foi realizado em nosso país. A partir de 1964, a indústria da tradução tornou-se uma atividade forte nos setores público e privado. Qualquer consideração a ser feita sobre uma tradução deve considerar primeiro o quão importante essa tradução é. Cada tradução feita parece permitir ao leitor gozar e apreciar um trabalho que não foi escrito em sua língua, tentando reproduzir a mesma mensagem e a mesma emoção causadas nos leitores que tiveram contato com aquele texto na língua original. Embora se pense que o processo tradutório seja bem simples, apenas pegando um livro, poema ou o que quer que seja e ir passando para outro idioma, de fato, o processo não é fácil assim. Para todo material a ser traduzido, é necessário o trabalho de muitas pessoas, dentre elas os iniciadores e os tradutores. Ambos possuem funções distintas no processo tradutório. Christiane Nord (1997) afirma que o tradutor apenas produzirá um texto de acordo com os objetivos dados pelo iniciador. Somente considerando os objetivos através do roteiro de tradução dado por este último é que o tradutor poderá realizar seu trabalho, ou seja, o tradutor estará pronto para traduzir um texto. O iniciador é quem ordena e define o trabalho de tradução. Essa pessoa pode ser um cliente, o escritor do texto original ou, simplesmente, uma pessoa que trabalha para a editora. Depois de estar ciente das intenções do iniciador é que o tradutor poderá fazer a sua parte.

Este artigo visa analisar esse estranho universo da tradução no Brasil (e também no mundo) assim como os principais personagens envolvidos nesse processo. Traduzir vai além do simples fato de se conhecer uma língua com suas técnicas e regras. O trabalho do tradutor é colocado de lado atualmente por não se dar muito valor ao profissional desta área. Hoje, o tradutor está mais como parte integrante de um processo onde obedece fielmente às ordens do iniciador e da editora, nunca estando

livre para traduzir um texto de acordo com suas próprias decisões.

## **1. Tradutor e tradução ontem e hoje**

De acordo com Nord (1991), o tradutor ocupa a posição central na comunicação intercultural porque ele é, ao mesmo tempo, o receptor e o produtor de um texto. Por conta disto, o tradutor deve ser um íntimo conhecedor não apenas da linguagem do texto a ser traduzido como também os aspectos culturais do país de onde o texto original veio. O grande problema é que para o iniciador o tradutor apenas deve seguir o roteiro de tradução que foi dado antes do texto original começar a ser traduzido, sendo apenas um mero produtor de texto, tornando-se uma pessoa incapacitada de ler um texto e extrair prazer dele. Petra Kaseva (2001) menciona que, infelizmente, o tradutor é aquele que parece estar totalmente debaixo do controle do iniciador apesar do iniciador, muitas vezes, não ter sequer nenhum tipo de conhecimento em técnicas de tradução ou formação nessa área.

A tradução de textos literários, científicos, religiosos, etc. sempre atraiu a atenção de muitos estudiosos sobre o assunto como Walter Benjamin, Jacques Derrida e Antoine Berman. Filósofos e linguistas ficaram interessados em analisar a complexa estrutura de tornar um texto compreensível em outro idioma. Derrida (2002) nos conta que a maior complicação talvez seja a de nunca realmente encontrarmos uma equivalência correta entre as palavras usadas, apenas uma significação substitutiva.

O processo de tradução tem apresentado algumas teorias atualmente e elas se chocam entre si. Críticos contemporâneos observam que é impossível para um tradutor ser completamente transparente em um trabalho de tradução porque o ele não consegue evitar deixar sua própria marca. Alguns desses críticos apresentam uma visão radical dizendo que não há diferença entre traduzir ou escrever e concordam que um bom tradutor deve mesmo deixar a sua marca particular no trabalho realizado. Contra essa ideia, o teórico australiano Anthony Pym (2002) afirma que um tradutor de verdade não deve fazer isso, pois, uma vez que o tradutor queira ser ouvido em algum trabalho de forma explícita, ele deve escrever o seu próprio livro. Para Theo Hermans (1996), tradutores devem se tornar transparentes e não serem vistos nas linhas do texto. Somente o tradutor que opera com discrição pode ser confiado por não violar o texto original. A transparência garante integridade, consonância, equivalência e essa noção de equivalência realmente parece ser o objetivo maior da tradução.

A invisibilidade do tradutor deve lidar com a aceitação do fato de que em um texto traduzido a voz autoritária do texto original está ausente porque ela foi substituída

pela voz do tradutor. Na verdade, uma tradução enfatiza o aumento de vozes, significados e perspectivas. Ela objetiva a produção de interpretações enquanto clama estar fielmente reproduzindo o texto original. E os leitores aceitam isso como algo verdadeiro quando eles gozam da oportunidade de ler um livro de um autor que publicou aquela obra numa língua que eles não podem falar ou entender. Existe um pacto confortável e a tradução pode ser vista como uma interpretação de uma realidade criando outra realidade.

Por diversas vezes, o ofício do tradutor é duro: ora um período é muito longo para ter uma tradução clara, ora palavras não podem encontrar uma definição exata na nova língua. Assim, seria mesmo justo acusar o tradutor de não confiável ou traidor? Walter Benjamin (1968) menciona que o tradutor tem como seu maior objetivo expressar a mais íntima relação entre duas línguas uma vez que o objetivo da tradução é transmitir uma exata correspondência entre forma e significado. Por outro lado, filósofos acreditam que até mesmo uma excelente tradução não seja mais importante ou relevante que um texto em seu estado original, mas eles concordam que a possibilidade de tradução é um grande ponto de ligação entre dois textos. O tradutor ainda é um profissional importante, embora exista a crença de que em alguns anos os computadores farão esse trabalho e substituirão tais profissionais.

Atualmente, livrarias e jornaleiros estão cheios de revistas e livros que apresentam uma gama de personagens que pertencem às ideias e valores da sociedade moderna de consumo. Muitos desses materiais são traduções. Leitores não sabem que é um trabalho árduo ter todo esse material disponível no mercado e que tais mercadorias necessitam do trabalho devotado de diversas pessoas para estarem nas estantes de bancas e livrarias. Dentre tais pessoas temos também os iniciadores, além dos tradutores.

A autora Nelly Novaes Coelho (1987) nos conta que devido a essa característica essencial do ser humano, ou seja, a linguagem, é que a tradução tomou força entre os homens ao longo dos tempos, desde o início de nossa história. Contos da Índia, inventados séculos antes de Cristo, podem servir de exemplo ao fato. Por apresentarem crenças humanas tais estórias sobreviveram e se espalharam por todo esse tempo, por muitos países. Isto só se tornou possível por causa da tradução. Por exemplo, a estória de *Calila and Dimma*, famosa sobre os perigos de se formar castelos na areia, chegou à nossa civilização com o título de *A moça e o Pote de Leite*, depois de diversos anos de tradução e de adaptações. Provavelmente, essa estória foi trazida ao Brasil pelos portugueses e, daí, Monteiro Lobato resolveu reescrevê-la em seu livro *As fábulas de*

*Narizinho*. Na Europa, La Fontaine foi o responsável pela continuidade dessa estória naquele continente. Essas narrativas eram um resultado de um grande processo tradutório. Assim, a estória de *Calila and Dimma* não foi esquecida e, com base nisso, podemos afirmar que a tradução também atua como uma fonte de disseminação de ideias através da literatura. Considerando esta tarefa de disseminação, a tradução foi também valorizada entre os povos. Nelly Novaes Coelho considera que a tradução é

(...) um dos mediadores mais importantes para a difusão, em âmbito universal, dos altos ideais e/ou das grandes experiências (ou das negativas) que, através da literatura, têm servido de modelo, inspiração ou tabus à humanidade, em sua longa marcha no sentido da evolução e do progresso. (COELHO, 1987, p.24)

Coelho (1991) também menciona que as pessoas atribuem contos a Perrault, Grimm, Andersen ou La Fontaine, mas que estes não foram, de fato, seus criadores, os reais autores de tais narrativas. Na verdade, eles apenas eram responsáveis por recolher estórias que ouviam em seus países e que foram escritas por gregos, franceses, latinos, escritores medievais ou até baseadas em parábolas bíblicas. O problema recai no fato que no momento em que tais estórias ficam registradas em livros, os créditos são dados para quem primeiro as registrou e escreveu, embora pertençam ao folclore de um grupo específico. Até mesmo William Shakespeare agiu assim. Sua obra *Twelfth Night* é uma reescritura da estória medieval intitulada *The story of Apollonius and Silla*:

A partir do século XIII, o folclore foi se tornando literatura (...). O *Gesta Romanorum* recolheu nos fins do século XIII as histórias mais apreciadas do folclore medieval. Um exemplar foi ter às mãos de Shakespeare, insaciável leitor de folclore, que devorou contistas italianos (Bocácio à frente) e os mais remotos “romances” franceses (...). Dessa leitura resultou *Romeu e Julieta*, *A Megera Domada* etc. (ZILBERMAN E LAJOLO, 1986, p.342).

## **2. Uma forte indústria que se formou**

William Shakespeare leu, traduziu, adaptou e escreveu essas estórias em inglês. Da mesma forma, tradutores leram os livros de Shakespeare e os traduziram em português, francês, espanhol, italiano... Este é um exemplo da importância da tradução no mundo literário: a oportunidade ímpar de ler qualquer estória, qualquer obra literária na própria língua de quem a lê. É passar por cima da limitação de não conhecer o idioma original de uma obra e, mesmo assim, ter o prazer de apreciá-la da mesma forma. No Brasil, até o começo do século XX, a tradução de livros praticamente inexistia. A preferência ainda estava na leitura dos textos originais e os livros traduzidos que chegavam ao país eram oriundos de Portugal. Aos poucos a situação foi se

modificando, uma vez que o português falado no Brasil era diferente do português de Portugal e os textos tornaram-se cada vez mais difíceis de serem entendidos por aqui devido às enormes diferenças léxicas e sintáticas. Com isso, uma reação nacionalista nasceu no Brasil contra a cultura portuguesa. Coelho (2000) afirma que Monteiro Lobato foi uma das figuras essenciais nesse movimento de reação: o próprio Monteiro Lobato além de escrever seus próprios livros infantis, também iniciou um vasto processo de tradução de diversos clássicos para o português, fazendo adaptações dos contos de Grimm, Andersen, Carroll. Assim, Lobato traduziu importantes autores internacionais para o português e iniciou o público leitor brasileiro nessas obras, deixando tal público ciente e atualizado com a produção literária mundial. Coelho também diz que o mais relevante neste fato foi que crianças e adultos puderam ter um melhor acesso à literatura, original ou traduzida, para ampliarem suas experiências de vida e também criarem uma real sociedade:

Pelo equilíbrio ou fusão entre as diferenças humanas e/ou sociais, tal qual a tradução vem fazendo com as diferenças linguísticas, é possível que os homens possam, talvez em futuro próximo, recomeçar a construção coletiva da Torre de Babel que, então mudará a significação semântica: de confusão e dispersão passará a ser entendida como equilíbrio, união e dinamismo criador... (COELHO, 2000, p.31).

Podemos dizer que hoje temos uma indústria para se traduzir textos, mas a indústria da tradução não é nada simples. Um grande número de traduções só ocorre por conta dos propósitos do iniciador. Christiane Nord (1991) chama a nossa atenção para o fato de que cada tradução pertence a um processo de comunicação intercultural na qual o iniciador rege regras ao tradutor justamente porque um tipo de texto alvo é requerido em determinado contexto. Para a mencionada pesquisadora, iniciador e tradutor são as figuras principais para o desenvolvimento de uma tradução, mais até que o próprio texto em si, ficando o iniciador na posição central, pois é dele que partirá todo o processo de tradução e também determinará o seu desenvolvimento. Esse iniciador é determinado pela editora e pode ser o próprio autor do livro a ser traduzido ou um funcionário da editora que se encarregará de checar se a tradução está saindo de acordo com os objetivos da editora.

### **3. Os vilões do processo tradutório**

Christiane Nord (2006, p. 35) classifica pelo menos quatro tipos de participantes do processo tradutório:

Se considerarmos a tradução como uma atividade facilitadora entre a comunicação das pessoas que pertencem a diferentes linguagens e comunidades culturais, o tradutor é parte de uma interação comunicativa intencionada a superar fronteiras linguísticas e culturais entre as pessoas. Tal interação envolve, ao menos, quatro participantes ou, melhor,

papéis: o emissor da fonte cultural de uma mensagem; um cliente ou iniciador; um tradutor ou intérprete; os receptores do texto alvo.<sup>1</sup>

Petra Kaseva (2001) nos conta que embora a importância do iniciador durante o processo de tradução seja reconhecida por diversos estudiosos, muitas vezes, o iniciador é uma figura invisível para o público alvo, um personagem invisível, um tipo de “fantasma” nesse processo. Todavia, o iniciador é muito real para o tradutor e representam uma espécie de dura realidade, uma vez que tradutores devem seguir fielmente as ordens dadas por eles. Por vez, Christiane Nord (1991, p.10) menciona que não apenas os iniciadores como também os próprios tradutores são entidades fantasmagóricas desse trabalho, uma vez que desenvolvem textos que já existem, porém atendendo ao apelo de terceiros, participando de uma espécie de jogo de esconde na tradução.

Para o público em geral, a editora é somente a responsável pela publicação de um livro e o tradutor é o único a quem devemos culpar se uma tradução não corresponder exatamente às linhas e ideias do texto original. Na verdade, o iniciador é quem de fato detém o poder, pois é a partir dele que os objetivos de uma tradução serão definidos. Primeiramente, o iniciador define o ‘escopo literário’, ou seja, o propósito da tradução requerida. Apenas após delimitar o escopo é que o tradutor iniciará seu trabalho. Ou seja, não existe nenhum trabalho feito pelo tradutor sem que ele receba as regras traçadas pelo iniciador. Pelo escopo o objetivo é definido.

Lawrence Venutti (1995) nos diz que no ano de 1978, Hans J. Vermeer, então professor da Faculty of Applied Linguistics in Mainz/Germersheim, publicou um artigo intitulado *Ein Rahmen für eine allgemeine Translationstheorie*, que poderíamos traduzir como ‘Um quadro geral da teoria da tradução’. O artigo marcou o início de uma nova abordagem dos estudos em tradução que mais tarde tornou-se conhecido como Funcionalismo. Hans Vermeer firmou a tradução no contexto da pragmática sociolinguística ao declarar que traduções devem ser vistas como atos (*Handlungen*). Textos são produzidos, de acordo com Vermeer, para destinatários definidos e com propósitos estabelecidos. Este princípio geral também cabe à tradução e não devemos ser ingênuos. Uma das palavras-chave para entender esta abordagem é a *Informationsangebot* (informação oferecida), que significa que o texto original não deve ser visto como algo sagrado e que o propósito de uma tradução, seu escopo, não deve ser deduzido de seu texto original, mas das necessidades e expectativas dos leitores-alvo. Portanto, para traduzir com sucesso, o tradutor deve se familiarizar com situações

específicas dos destinatários da tradução na cultura-alvo. Tais ideias de Vermeer tornaram-se amplamente conhecidas sob os rótulos da escopo teoria (*skopostheorie*). É importante frisar que de acordo com essa teoria de Vermeer, uma tradução deve funcionar em um contexto diferente daquele apresentado no texto original, caso o contrário não haveria razão para a tradução existir. Quando o tradutor recebe um texto, ele deve ter em mente o tipo de leitor para o qual ele estará escrevendo, ou seja, o público-alvo selecionado pelo iniciador. Nord (1997, p. 32) menciona que, pelos objetivos determinados, o tradutor produzirá um texto com determinada mensagem aos leitores, respeitando cultura e linguagem. Nord também conta que os leitores devem ser capazes de entender o texto e esse texto deve fazer sentido dentro da situação comunicativa e cultural dos leitores.

De acordo com Kaseva (2001), dessa forma o tradutor tem em suas mãos o eterno problema entre tradução fiel e tradução funcional. Os conteúdos de um escopo é que realmente definirá o tipo de tradução a ser realizada, respeitando os propósitos para os quais uma tradução é necessária. Christiane Nord (1997) nomeia de *translation brief*, o propósito comunicativo ordenado pelo iniciador no começo da produção da tradução. Tal roteiro tradutório é longo e deve apresentar os objetivos requeridos, o público-alvo, o lugar-alvo e, em casos de tradução que não seja para um livro, o momento no qual aquela tradução será exposta como também o tipo de veículo de comunicação em que será difundida. Tais fatores é que tornam possível ao tradutor desenvolver um texto que traga uma mensagem ao leitor em concordância com sua realidade cultural, pois além de todas essas informações, o texto a ser traduzido também deve ser, no final, significativo em situações comunicativas e culturais para os leitores.

Petra Kaseva (2001) menciona que além de definir o escopo, o iniciador deve dar as instruções ao tradutor, oferecer a ele a informação necessária para ocorrer a tradução, controlar a qualidade do texto, determinar a data limite de entrega e pagar pelo trabalho realizado. Kaseva aponta que muitas vezes a relação entre iniciador e tradutor é cheia de conflitos porque nem sempre um iniciador entende como uma tradução pode ser feita. É na ignorância de técnicas tradutórias e no desconhecimento da realização de uma tradução mostrada por alguns iniciadores que diversos conflitos surgem em torno da tradução que está ocorrendo. O despreparo do iniciador pode ser fatal para o bom andamento do trabalho.

Nord (1991) diz que embora o iniciador seja aquele que defina todos os temas e assuntos ao tradutor, o público sempre atribuirá a responsabilidade da tradução apenas ao tradutor. Afinal, o tradutor é o especialista em tradução, ele é a pessoa que conhece



os procedimentos e técnicas para traduzir um texto. O público leitor não sabe dos trâmites que vão além da tradução, desconhece que tradutores não possuem autonomia para realizar seus trabalhos. Dentro desse processo árduo de obedecer a ordens, tradutores vivem verdadeiros trabalhos cansativos: iniciadores querem o trabalho final perfeitamente da forma como foi exigido; tradutores acabam se submetendo a um jogo de ordens que muitas vezes os toma como meros mercenários das palavras. Por tal razão, o estudioso Anthony Pym (1996, p.338) classifica os tradutores e seus iniciadores como “especialistas mercenários, capazes de lutar sob a bandeira de qualquer propósito capaz de pagá-los”.<sup>2</sup>

Kaseva (2001) menciona que justamente pelo fato de muitos iniciadores não possuírem formação na área de tradução, isto torna a comunicação deles com os tradutores péssima por muitas vezes não compreenderem o quão difícil é para um tradutor seguir passo a passo tudo o que foi exigido, combinando as palavras de determinado texto com os propósitos editoriais. Kaseva também diz que é a experiência do tradutor que fará diferença na hora de lidar com esses transtornos e seguir com a tradução sem maiores problemas. Geralmente, o roteiro tradutório é dado ao tradutor antes que este faça a leitura do texto original. Christiane Nord (1991, p.10) afirma que isto ocorre justamente para criar certa influência no comportamento do tradutor ao conduzir o texto em questão. A pesquisadora nos conta que, de tal forma, “o tradutor não será apenas o emissor de um texto, mas também um produtor de uma espécie de novo texto”, assumindo todas as intenções e propósitos de outra pessoa (no caso, os propósitos do iniciador) e produzindo um instrumento comunicativo para a cultura da linguagem na qual o texto está sendo traduzido. Assim, o tradutor é, ao mesmo tempo, receptor e emissor de um texto quase original. Neste caso específico, ele não será apenas um tradutor, mas um reescritor, ‘*a rewriter*’, de um novo texto.

Este funcionalismo cria amplas discussões sobre lealdade e fidelidade em traduções especializadas. Uma tradução feita por conveniência pode gerar sérios danos. Nord trata esse caso com sério vigor, comparando a ética do tradutor com a ética médica:

Como todo mundo sabe, sofrimentos físicos e psicológicos podem ser causados por deficiência que não conhecemos. Um médico agindo de forma ética não irá apenas curar os sintomas dos quais o paciente se queixa como também tentar descobrir a origem da doença e procurar um remédio. O tradutor é como um médico que tenta prevenir o sofrimento da comunicação através da responsabilidade e de procedimentos profissionais. Isto se torna óbvio em casos onde textos antigos pertencem a uma herança cultural – como a Bíblia ou os trabalhos de Shakespeare – retraduzidos. Leitores não reconhecem certas passagens que eles sabem de cor ou alusões, ou citações, palavras e frases famosas (mesmo embora nem saibam explicar seus significados). (NORD, 2006, p. 36).<sup>3</sup>

Não modificar radicalmente palavras, expressões ou ideias de um texto significa também respeitar os leitores em sua formação e em sua cultura, principalmente quando falamos de obras bastante conhecidas e já traduzidas naquele idioma anteriormente. Contudo, o uso abusivo do escopo na atualidade parece ignorar esse detalhe relevante.

Um exemplo interessante sobre os danos causados por um escopo tendencioso pode ser visto na citação da estudiosa Sabine Grohmann:

Em 1972, Ernesto Cardenal publicou um livro intitulado *Em Cuba (In Cuba)* no qual ele entusiasmadamente descrevia quão maravilhosa ele achou essa “nova” Cuba no comando de Fidel Castro. Imediatamente após a sua publicação em espanhol, o livro foi traduzido em alemão. A editora da Alemanha Ocidental pediu ao tradutor para ajustar o “estilo patético” do autor latino-americano ao que eles consideravam aceitável para um público da Alemanha Ocidental – precisamente conectado com um sistema comunista durante o período de Guerra Fria. Consequentemente, a tradutora omitiu, ou ao menos, amenizou a maioria das avaliações positivas e emocionadas em relação a Cuba pós-revolucionária, a Fidel Castro e à Revolução Cubana e suas considerações negativas sobre os Estados Unidos e seus representantes (...) Ela omitiu, por exemplo, a dedicatória ao povo cubano e a Fidel (To the Cuban people and to Fidel), a citação de Che Guevara ‘Todos são iguais em tudo’ (All equal in everything), a caracterização da ‘cara de porco’ para descrever o ditador Batista, a observação que o povo negro trabalha como escravo nos Estados Unidos, três páginas de testemunhos sobre tortura e atos de violência no regime de Batista e um parágrafo inteiro no qual Fidel Castro explica sua visão de uma sociedade socialista em Cuba numa entrevista com o autor. (GROHMANN, 1976 *apud* NORD, 2006, p. 34).<sup>4</sup>

Dessa forma, ou melhor, com o escopo dado pela editora da Alemanha Ocidental, o livro traduzido transformou-se em outro livro: tornou-se um livro mais direto, objetivo e que fugia totalmente da proposta emocional idealizada por Ernesto Cardenal para a exaltação de Cuba.

### **Considerações finais**

O momento pós-moderno transformou a indústria da tradução numa atividade em constante crescimento, pois a vontade de se ter conhecimento de textos sobre diferentes assuntos e linguagens é uma necessidade por conta da nova era global. Uma tradução torna a comunicação mais rápida e salva tempo para aqueles que não são proficientes em uma língua específica.

Mas há muitos problemas no processo de tradução de textos escritos. O trabalho de muitas pessoas é exigido para tornar materiais acessíveis a um determinado público de outro idioma. Dentre tais pessoas estão os iniciadores e os tradutores que tentam resolver conflitos ao longo do processo de tradução. O que muitos leitores desconhecem e muitas vezes responsabilizam o tradutor por conta de uma tradução não fidedigna é a ‘escopo teoria’, a *skopostheorie* definida por Vermeer, onde o tradutor não é livre para traduzir nenhuma linha do texto alvo, seguindo apenas as regras determinadas pelo

iniciador.

Na verdade, tais questões geram uma visão negativa sobre o trabalho do tradutor no Brasil e no mundo, difundindo cada vez mais o famoso dito popular "*Traduttore traditore*", ou seja, 'tradutor traidor', e denegrindo a imagem do tradutor acima de tudo. O trabalho do tradutor é importante demais, mas atualmente está mais para um mero trabalho habilidoso devido às imposições feitas ao ofício, deixando permanecer na função de tradutor somente os profissionais que se acostumaram a seguir as ordens dadas previamente pelo iniciador responsável pelo texto a ser traduzido e modificado.

## Notas

1 Tradução da autora para *If we consider translation to be an activity facilitating communication between people belonging to different language and culture communities, the translator is part of a communicative interaction intended to overcome linguistic and cultural boundaries between people. Such an interaction involves at least four participants or, rather, roles: the source-culture sender (SC-S) of a message; a client or initiator (INI), a translator or interpreter (TRL); the target-text receivers (TC-R).*

2 Tradução da autora para *mercenary experts, able to fight under the flag of any purpose able to pay them.*

3 Tradução da autora para *As everybody knows, physiological and psychological suffering can also be caused by deficiencies we are not aware of. A doctor acting in an ethical way will therefore not only cure the symptoms the patient is complaining about but also try to discover the origin of the illness and look for a remedy. The translator is such a doctor who tries to prevent communicative suffering by responsible and professional procedures. This becomes obvious in cases where old texts belonging to the cultural heritage – like the Bible or the works of Shakespeare – re-translated. Receivers may not recognize certain passages they know by heart or allusions to, or quotations of, well-known words and phrases (even though they may not even be able to explain their meaning).*

4 Tradução da autora para *In 1972, Ernesto Cardenal published a book with the title En Cuba (In Cuba), in which he enthusiastically described how wonderful he found the "new" Cuba under Fidel Castro. Immediately after its publication in Spanish, the book was translated into German. The West German publisher asked the translator to adjust the author's Latin American "pathetic style" to what they considered acceptable for a West German audience – precisely connected with a communist system during the Cold War period. Consequently, the translator omitted, or at least, toned down most of the author's positive evaluative and emotional utterances with regard to post-revolutionary Cuba, Fidel Castro or the Cuban Revolution, and his negative remarks about the United States and their representatives (...) She omitted, for example, the dedication Al pueblo cubano y a Fidel (To the Cuban people and to Fidel), Che Guevara's motto Todos parejos en todo (All equal in everything), the characterization 'with his pig face' in the description of the dictator Batista, the remark that black people work like slaves in the United States, three pages of testimonies about torture and acts of violence of the Batista regime, and a whole paragraph in each Fidel Castro explains his vision of a socialist society in Cuba in an interview with the author.*

## Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. "The task of the narrator: an introduction to the translation of Baudelaire's `Tableaux Parisians'". In: **ILLUMINATION**. New York: Schocken Books, 1968.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

\_\_\_\_\_. **Panorama Histórico da Literatura**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. “A tradução: núcleo geratriz da literatura infantil/juvenil”. In: **Ilha do desterro**. Revista do Programa de Pós Graduação em inglês, n 17, Florianópolis, 1987.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

HERMANS, Theo. “The translator’s voice in translated narrative”. In: **Target 8**. Amsterdam: John Benjamin B.V., 1996.

KASEVA, Petra. “Phantom hunting: tracking down the initiator of translation”. In: **The Electronic Journal of the Department of English at the University of Helsinki**. Disponível em [http://www.eng.helsinki.fi/hes/translation/phantom\\_hunting1.htm](http://www.eng.helsinki.fi/hes/translation/phantom_hunting1.htm). Acesso em Novembro 25, 2012; 8 h.

NORD, Christiane. “Loyalty and Fidelity in specialized translation”. Disponível em [www.confluencias.net/n4/n4\\_nord.pdf](http://www.confluencias.net/n4/n4_nord.pdf). 2006. Acesso em Janeiro 30, 2012; 11pm.

\_\_\_\_\_. “Functionalist Approaches Explained”. In: **Translating as a Purposeful Activity**. Manchester: St. Jerome, 1997, p.22-37.

\_\_\_\_\_. “It's Tea-Time in Wonderland: culture-markers in fictional texts”. In: Heiner Pürschel et al. (Hgg.): **Intercultural Communication Symposium 1992**, Frankfurt etc.: Peter Lang (1993). Disponível em [www.christiane-nord.de](http://www.christiane-nord.de) Acesso em Dezembro 10, 2012; 09 h.

\_\_\_\_\_. **Text Analysis in Translation: Theory, Methodology and didactic application of a model for translation-oriented analysis**. Amsterdam; Atlanta: Rodopi, 1991.

PYM, Anthony. “Localization and the dehumanization of discourse”. **Tarragona: Intercultural Studies Group**. 2002. <http://www.tinet.org/~apym/online/dehumanization.pdf>. Acesso em Dezembro 05, 2012; 11 h.

\_\_\_\_\_. **Basic issues in Translation Studies**. Ohio: Applied Linguistics Inst, 1996.

VENUTTI, Lawrence. **The translator’s invisibility: a History of Translation**. London & New York: Routledge, 1995.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças**. 4ª ed. São Paulo: Global Universitária, 1986.